

188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000

## DORRIT HARAZIM



### Algoritmo da morte

A pouco tempo atrás o jornalista independente da revista *Aviva*, em 1972, com sede em Tel Aviv, era pouco conhecido fora das fronteiras do Oriente Médio. Publicada em língua inglesa desde sua fundação, em 2010, ela tem direção e corpo editorial composto de israelenses e palestinos. Seu nome estridido deriva do código de telefonia usado tanto para Israel como para a Cisjordânia ocupada. No espectro ideológico que estralha a profissão, o *Aviva* pode ser definido como francamente de esquerda. É respeitadíssima junto a entidades internacionais de jornalismo investigativo e inversamente incômoda para o governo de extrema direita de Benjamin Netanyahu. Sobre tudo em tempos de guerra.

Em novembro último, quando a +972 publicou um inquietante relato sobre o aprofundamento das normas militares que permitem o bombardeio de alvos não militares por parte das Forças de Defesa de Israel (FDI), houve pouco alvoroço mundial. Uma lâmina, pois a investigação, assinada pelo veterano Yuval Abraham, se baseava no depoimento inédito sob sigilo de sete integrantes da ativa e da reserva dos serviços de inteligência israelenses — todos com atuação direta na campanha contra Gaza.

Agora, nos primeiros dias de abril, Abraham e a +972 voltaram à carga, em conjunto com o site em hebraico *Sichá Mekomit* (Chamada Local). Sempre alicerçado no testemunho de oficiais da FDI, a investigação detalha o funcionamento de dois sistemas de inteligência artificial usados na retaliação militar ao traumático ataque terrorista sofrido em 7 de outubro. O primeiro, batizado "Lavender" (Lavanda), elabora listas de alvos inimigos a ser assassinados na Faixa de Gaza, praticamente sem verificação humana. De que forma? O software analisa informações recolhidas sobre a maioria da população de Gaza (2,3 milhões), monitorada em permanência por Israel, e avalia a probabilidade de cada um ser agente do Hamas. Ao rastrear características de agentes terroristas conhecidos por Israel, o programa busca semelhanças na população. Disso brota a lista de alvos potenciais para assassinatos, produzida pelo algorit-

mo. As autorizações para o bombardeio passaram a ser quase automáticas, roubando em média 20 segundos de atenção humana. O segundo programa desenvolveu para a ação militar contra Gaza tem nome com interrogação: "Onde está papaí?" Destina-se a rastrear alvos para bombardeá-los especificamente em casas, apartamentos ou propriedades rurais familiares. "Não estávamos interessados em matar agentes do Hamas apenas quando estivessem em instalação militar ou em confronto", explicou um dos entrevistados. "Ao contrário. Como primeira opção e sem hesitação, as FDI bombardeavam o alvo em família." Que explica o altíssimo índice de mulheres e crianças desapaçadas e o apagamento de famílias inteiras.

Segundo entrevistados ouvidos na reportagem, o comando militar de Israel tomou a decisão fatal de tolerar a morte de 15 a 20 civis palestinos para a eliminação de cada militante de pouca relevância. O "dano colateral". Quando o alvo inimigo fosse um oficial graduado do Hamas, a tolerância aumentava para cem civis mortos. Ou mais. Para eliminar o comandante da Brigada Central de Gaza, Aymán Nofal, o Exército autorizou, segundo a reportagem, um dano colateral de 300 pessoas. Foi uma carnificina e tanto no campo de refugiados de Al-Burei naquele 17 de outubro. As regras naquela fase inicial e feroz da campanha eram muito lenientes, contou um dos informantes. "Arra-

Foi nessa toada que a IAG gerou 36 mil alvos humanos a eliminar na Faixa de Gaza, o que explica a mortandade indiscriminada das seis primeiras semanas da guerra



savam-se quatro edifícios inteiros, mesmo sabendo que o alvo estava em apenas um — se é que estava. Era muito louco."

Tão louco que, antes da prisão mundial para a matança a ser suspensa, as FDI trabalhavam com margem de erro de 10% nos alvos humanos marcados para morrer. Um horror. Os critérios da "Lavender" eram fluidos, mudavam a toda hora. Funcionários da Defesa Civil de Gaza ou pequenos burocratas deveriam ser considerados militantes do Hamas? Ou simpatizantes? E quem já pertenceu ao grupo, mas se desligou? Um único denominador comum foi mantido com rigor: os alvos primários sempre deveriam ser homens, pois nem a ala militar do Hamas nem o grupo terrorista Jihad Islâmica Palestina tem mulheres em suas fileiras.

Foi nessa toada que a inteligência artificial gerou um catau de 36 mil alvos humanos a ser eliminados na Faixa de Gaza, o que explica a críminosa mortandade indiscriminada das seis primeiras semanas da guerra: mais de 15 mil palestinos mortos, quase metade do total de 33 mil vítimas computadas até agora. Sem falar no uso maciço das "bombas burras" de arsa-quarteirão (sem componentes de precisão), responsáveis por danos colaterais infinitamente mais graves que mísseis guiados. "Não é aconselhável desperdiçar bombas caras com pessoas sem importância", explica um dos ouvidos na investigação.

Recomenda-se a leitura na íntegra dessa investigação. Um Estado militarizado e de vanguarda tecnológica, em que algoritmos calculam em escala industrial quem deve morrer, precisa ser chamado à razão. A sorte de Israel é ter cidadãos dispostos a jogar luz sobre a desumanidade.

## BERNARDO MELLO FRANCO



### Lira esbraveja, ataca, ameaça

Na quarta-feira, a Câmara manteve a prisão preventiva do deputado Chiquinho Brazão, acusado de mandar matar Marielle Franco. Na manhã seguinte, Arthur Lira acordou invocado. Despejou a fúria no articulador político do governo.

O chefe da Câmara chamou Alexandre Padilha de "desafeto pessoal" e "incompetente". Acusou o ministro de plantar "mentiras e notícias falsas que incomodam o Parlamento". Encerrou os ataques em tom de ameaça: "Depois, quando o Parlamento reage, acham ruim".

Lira usa a palavra "Parlamento" como sinônimo de si mesmo. É ele quem está incomodado com a solução de Brazão. É ele quem ameaça reagir, impondo derrotas ao Planalto. O roteiro para soltar Brazão foi bem ensaiado. Os bolsoneiristas, que não se importam em defender um acusado de duplo homicídio, votariam para derrubar a prisão. O Centão, que tenta manter as aparências, esvaziaria o plenário. Na prática, as ausências contariam a favor do deputado preso. Para mantê-lo na cadeia, eram necessários 257 votos.

Lira não assumiu a paternidade do plano, mas deixou as digitais à vista. Permite que a votação fosse adiada, o que diluiu o clamor popular, e impôs um rito expresso na quarta-feira, o que impediu um debate aberto em plenário. Seu braço direito, Elmar Nascimento, preferiu agir sem discursos. Crítico a decisão do Supremo e deu um dos 129 votos para libertar o colega.

O Planalto demorou a despertar para a operação. Acreditou que a pressão da opinião pública se encarregaria de encerrar o serviço. Padilha só começou a procurar deputados horas antes da votação.

O resultado foi um placar apertado, com apenas 20 votos a mais que o necessário para manter a prisão preventiva. Além desmoralizar o Supremo, a solução de Brazão significaria um baque para a Polícia Federal. Se ficasse de braços cruzados, o Planalto frustraria os investigadores e assinalaria um atestado de covardia.

Se a palavra "Parlamento" é usada como sinônimo de si mesmo, é ele quem está incomodado com a prisão de Brazão. É ele quem ameaça reagir, impondo derrotas ao Planalto. O roteiro para soltar Brazão foi bem ensaiado. Os bolsoneiristas, que não se importam em defender um acusado de duplo homicídio, votariam para derrubar a prisão. O Centão, que tenta manter as aparências, esvaziaria o plenário. Na prática, as ausências contariam a favor do deputado preso. Para mantê-lo na cadeia, eram necessários 257 votos.

Lira não assumiu a paternidade do plano, mas deixou as digitais à vista. Permite que a votação fosse adiada, o que diluiu o clamor popular, e impôs um rito expresso na quarta-feira, o que impediu um debate aberto em plenário. Seu braço direito, Elmar Nascimento, preferiu agir sem discursos. Crítico a decisão do Supremo e deu um dos 129 votos para libertar o colega.

O Planalto demorou a despertar para a operação. Acreditou que a pressão da opinião pública se encarregaria de encerrar o serviço. Padilha só começou a procurar deputados horas antes da votação. O resultado foi um placar apertado, com apenas 20 votos a mais que o necessário para manter a prisão preventiva. Além desmoralizar o Supremo, a solução de Brazão significaria um baque para a Polícia Federal. Se ficasse de braços cruzados, o Planalto frustraria os investigadores e assinalaria um atestado de covardia.

Se a palavra "Parlamento" é usada como sinônimo de si mesmo, é ele quem está incomodado com a prisão de Brazão. É ele quem ameaça reagir, impondo derrotas ao Planalto. O roteiro para soltar Brazão foi bem ensaiado. Os bolsoneiristas, que não se importam em defender um acusado de duplo homicídio, votariam para derrubar a prisão. O Centão, que tenta manter as aparências, esvaziaria o plenário. Na prática, as ausências contariam a favor do deputado preso. Para mantê-lo na cadeia, eram necessários 257 votos.

## ARTIGO

### Até agora, só fizeram de conta no quesito inclusão

AMOM MANDEL



Em uma vez promessa de uma sociedade digna. Um país em que as pessoas viveriam com respeito a seus direitos, em comunhão umas com as outras, principalmente com as diferenças. A palavra maior seria incluir e não excluir. Esse foi o storytelling contado na fotografia bem posicionada do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na rampa do Palácio do Planalto, no dia 1º de janeiro de 2023. Na sua posse, ele estava de mãos dadas com representantes do povo brasileiro que, simbolicamente, passaram a faixa para que Lula assumisse seu terceiro mandato. Algo significativo, sim, mas não representativo. Os meses seguintes deixaram a lacuna perceptível: a continuidade da invisibilidade de grupos sociais, principalmente do autismo.

Existe hoje, no Brasil, um apagão de dados sobre a população autista. Temos instituições, pesquisadores na luta para trazer essas estatísticas, mas não temos o governo federal oficializando essas informações. É sabido que nos últimos anos o autismo aumentou, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) incluiu o levantamento para esse grupo no último Censo, mas até hoje não foi por meio disso que confirmamos a informação. O veredito veio com a evidente demanda e sobrecarga que os serviços tiveram na ponta. Sonado a sirene, há o expresse-

amento de denúncias de omissão do poder público, em todas as esferas, sobre o assunto.

Temos uma lei que garante a atuação de mediadores no ensino regular para acompanhar os alunos com diagnóstico do transtorno do espectro autista (TEA) e outras necessidades. Na prática, é uma luta para que essa lei saia do papel. Esses profissionais não substituem o professor em sala de aula, mas realizam o trabalho de apoio pedagógico e incluem essas pessoas na dimensão social do convívio escolar. Segundo o

Censo Escolar de 2022, o autismo é o segundo distúrbio mais comum entre os estudantes matriculados na rede pública especial, com 429 mil alunos no país. Somente em Manaus, capital do Amazonas, pelos dados do governo estadual, há 1.478 crianças e adolescentes com TEA. A Secretaria de Educação do Amazonas (Seduc) informa que há 1.769 mediadores para as crianças na cidade. Mas as reclamações para pais e professores são enormes, e o número de processos na Justiça do Amazonas para obter o direito a mediadores também. Os números não batem.

Onde está a base desse problema? Na falta das informações. Não temos números de como a população de autistas cresceu ao longo dos anos, onde eles estão, se tiveram

acesso a seus direitos, se estudam, se têm a assistência necessária prevista em lei federal para que tenham qualidade nos seus estudos, se têm acesso a serviços de saúde, e assim por diante.

Esse buraco estatístico sobre o autismo implica grave emergência humanitária ao falarmos das pessoas com deficiência no Brasil. Como o presidente pode falar em abraçar essa causa sem que tenhamos dados sobre o cenário para destinar os recursos? Como podemos apresentar projetos para tentar resolver os problemas e garantir os direitos básicos dessa população?

Não aceito tamanha negligência sobre um assunto que afeta milhares de brasileiros, famílias e, principalmente, mães deste país. Apresentei a proposta de uma audiência pública, na Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados, para debatermos o TEA, sobretudo a necessidade de inclusão de forma abrangente dessa população nos estudos e censos brasileiros. Para conseguirmos nos aproximar do convite proposto pela campanha do Dia Mundial de Consciência do Autismo deste ano, precisamos ter essas informações. A sociedade só irá além das diferenças e passará a valorizar o potencial individual de cada um dentro do espectro quando conseguir entender a complexidade desse distúrbio.

Amom Mandel é deputado federal (Cidadania-AM)